

RETRATO DA CONJUNTURA

O que vai bem

Inflação

IPCA de março (0,47%) e primeiras prévias do IPC-Fipe (0,06%) e do IGP-M (0,52%) de abril apontam para ritmo menor de reajuste de preços em relação ao mês anterior

Investimento

- Pesquisa da Fiesp revela que em março 89% dos empresários pretendiam investir em 2004, ante 85% em dezembro.
- A liberação de empréstimos do BNDES para investimentos somou R\$ 8,497 bilhões no 1º trimestre ante expectativa de R\$ 8 bilhões

Emprego

- Nível de emprego na indústria paulista cresceu 0,25% em março ante fevereiro. Foi o terceiro mês consecutivo de alta.
- No primeiro bimestre foram criados 240 mil empregos com carteira assinada no País

Antecedentes industriais

Venda de papelão ondulado cresceu 6% no 1º trimestre em relação a igual período de 2003; em março o crescimento anual foi de 13,3%

Expectativas da indústria

Prévia da Sondagem Conjuntural da FGV revela que 54% das 604 empresas planejam aumento da produção no 2º trimestre

O que vai mal

Produção industrial

- IBGE registrou queda de 1,8% na produção industrial em fevereiro ante janeiro; ante fevereiro de 2003 houve acréscimo de 1,8% e no bimestre a alta foi de 2,7%.
- O Indicador de Nível de Atividade da Fiesp cresceu apenas 0,2% de janeiro para fevereiro

Desemprego

- O índice do IBGE em 6 regiões metropolitanas atingiu 12% da População Economicamente Ativa em fevereiro, ante 11,7% em janeiro.
- O índice do Dieese atingiu 19,5% da PEA na Grande São Paulo em fevereiro, recorde para o mês desde 1985

Renda

- IBGE registrou queda de 5,7% no rendimento dos trabalhadores em fevereiro ante igual período de 2003.
- Dieese apontou queda de 1,1% na renda em janeiro ante dezembro e crescimento de 4,7% em relação a igual período de 2003

Inadimplência

Índice nacional do SCPC atingiu em fevereiro 13% do total das vendas a prazo, a maior marca desde o começo do ano

Expectativas do consumidor

Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Fecomercio caiu 9% em abril ante março. Foi o terceiro mês consecutivo de baixa e o menor índice desde março 2003

Fonte: institutos de pesquisa

Índices de atividade dão sinais contraditórios

Para especialistas, isso significa que a recuperação econômica ainda é frágil

MÁRCIA DE CHIARA

Há indicadores que apontam crescimento e outros queda, deixando nebulosa a avaliação sobre a trajetória da atividade econômica. Em parte, isso ocorre por diferenças de metodologias e de amostras, mas o fato é que o ritmo de recuperação é "claudicante e irregular" e dá sinais de perda de fôlego nos últimos meses. Só um choque de expectativas, com a sinalização para a retomada do emprego e do investimento, além da redução da taxa Selic, poderá tornar sustentável o deslanche da atividade iniciado no fim de 2003.

Essa é avaliação do economista-chefe da LCA Consultores, Luís Suzigan, endossada por outros analistas de conjuntura, quando questionados se os indicadores disponíveis até o momento, com resultados muito díspares, apontariam para uma virada no ritmo de

produção e vendas, ainda que de forma tímida. No primeiro trimestre, por exemplo, vários índices de atividade registraram crescimento em relação a igual período de 2003. Um exemplo é a venda de papelão ondulado, espécie de termômetro da indústria, que aumentou 6% no período. Também as vendas domésticas das montadoras de veículos cresceram 6,2% em três primeiros meses de 2004 em relação a 2003. O presidente do Conselho de Assuntos Econômicos da Fecomercio, Antonio Lanzana, diz que, como a base de comparação é fraca, sempre em relação a 2003 os índices apontarão crescimento. "O patamar mudou."

Mas o relevante, segundo ele, é o comportamento do ritmo de atividade na margem. E, neste caso, a sua avaliação é de que não está havendo reação. "A renda está em queda, o desemprego é elevado e os bancos querem dar crédito, mas não há tomadores do dinheiro." Lanza-

na cita como um exemplo de que a atividade está patinando o fato de as consultas para vendas a prazo estarem desde outubro de 2003 crescendo na faixa de 6% a 7% em relação a igual período do ano anterior. Isso, na sua avaliação, mostra que não há reativação.

Lanzana observa que a recuperação, iniciada no fim de 2003 e que gerou entre os empresários expectativas de que este início de ano seria melhor, foi frustrada com interrupção na queda da taxa de juros em janeiro e fevereiro. A "parada técnica nos juros" provocou a formação de es-

toques e pôs freio na produção para mercado interno. O que ocorreu, diz ele, "é que nós crescemos e paramos. O importante para economia deslanchar é crescer e, no momento seguinte, continuar crescendo".

O economista Fábio Silveira, da MS Consult, diz que não há garantias de que a retomada se sustente. A expansão iniciada em fins de 2003 foi apoiada no

crédito. E essa retomada tem como limite a restrição na renda e o desemprego elevado, que funcionam como limitadores na concessão de empréstimos. "Até agora, recuperação não tem lastro em investimento na base produtiva numa aposta de médio e longo prazo", enfatiza. Segundo Silveira, apesar de os empresários terem ampliado a intenção de investimento neste ano, de 85% para 89% entre dezembro e março, segundo pesquisa da Fiesp, na prática, não há indicações de expansão do investimento público e privado.

Para Suzigan, da LCA, o momento atual é crucial para o ritmo de atividade, uma vez que, na sua avaliação, o ritmo de recuperação está desacelerando na margem. Ele observa que há um desbalançamento entre o desempenho dos vários setores da economia. Segmentos ligados à exportação e à venda a crédito estão indo bem. Mas com a renda em queda e desemprego elevado, é preciso "combustível extra" para impulsionar a atividade, que seria, na sua opinião, a ampliação do investimento e do emprego.

**RENDA EM
QUEDA
RETARDA
RETOMADA**